

## *A (re)invenção de uma tradição religiosa e a sociabilidade do Congado no interior de Minas Gerais*

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v7i21.26578

Mauro Passos<sup>1</sup>

**Resumo:** O que significa a festa do Congado numa cidade do interior de Minas Gerais? Momento raro para se vivenciar o sagrado? Devoção a Nossa Senhora do Rosário? Mais que uma tradição religiosa, é a festa do povo. É uma expressão religiosa carregada de emoção, celebrações e sociabilidade. Este artigo faz um estudo sobre o Congado e analisa o significado da religiosidade popular – sua história, seus rituais e suas tradições. Alicerçadas em elementos místicos, as tradições populares integram o natural, o social e o sagrado. Foram utilizados os procedimentos metodológicos da história oral, através de um conjunto de depoimentos. A religiosidade popular integra-se com a cultura brasileira, por isso, seu estudo é um importante instrumento para a compreensão das raízes culturais e históricas do povo brasileiro. Cultura e religião integram-se no imaginário religioso. Os símbolos católicos, particularmente, marcam lugar, mas se adaptam, pois o Congado é uma tradição (re)inventada, mesclado com rituais católicos.

**Palavras-chave:** Religiosidade popular, festa, sociabilidade, devoção.

### **The (re)invention of a religious tradition and the sociability of the Congado in the countryside of Minas Gerais, Brazil**

**Abstract:** What does the Feast of Congado (an Afro-Brazilian religious and cultural manifestation) mean in a town in the countryside of Minas Gerais, Brazil? A rare moment to experience the sacred? Devotion to our Lady of the Rosary? More than a religious tradition, it is a people's feast. It is a religious expression loaded with emotion, celebrations and sociability. This article is a study of the Congado and it also analyzes the meaning of popular religiosity – its history, rituals and traditions. Based on mystical elements, popular traditions are part of the natural, the social and the sacred. Herein we adopted the methodological procedures of oral history, using a set of statements. The popular religiosity integrates with the Brazilian culture, so its study is an important instrument for the understanding of the cultural and historical roots of the Brazilian people. Culture and religion integrate in their religious imaginary. Catholic symbols, particularly, are present therein, but they were adapted because the Congado is a (re)invented tradition merged with Catholic rituals.

**Keywords:** Popular religiosity, Feast, sociability, devotion

### **La (re) invención de una tradición religiosa y la sociabilidad del Congado en Minas Gerais**

**Resumen:** ¿Qué hace el partido Congado una ciudad en Minas Gerais? Raro momento para experimentar lo sagrado? La devoción a Nuestra Señora del Rosario? Más que una tradición religiosa, es el partido del pueblo. Es una expresión religiosa con emoción, celebraciones y sociabilidad. Este artículo es un estudio del Congado y analiza la importancia de la piedad popular -

<sup>1</sup> Pesquisador do Centro de Estudos da Religião “Pierre Sanchis”, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vice-Presidente da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA). Professor visitante do Mestrado e Doutorado do IPT e UTAD do Instituto Politécnico de Tomar (Portugal).

su historia, sus rituales y tradiciones. Fundada en elementos místicos , las tradiciones populares son parte de lo natural , social y sagrado. Se utilizaron los procedimientos metodológicos de la historia oral mediante un conjunto de testimonios. La religiosidad popular se integra con la cultura brasileña, por lo que su estudio es una herramienta importante para la comprensión de las raíces culturales e históricas del pueblo brasileño. Cultura y religión se integran en la imaginaria religiosa. Símbolos católicos, sobre todo , marcan el lugar , pero se adaptan porque el Congado es una tradición ( re) inventada, mezclado con los rituales católicos.

**Palabras clave:** religiosidad popular , fiesta , sociabilidad, devoción.

*Recebido em 20/12/2014 - Aprovado em 30/01/2015*

## Introdução

Minha alma é uma orquestra oculta;  
não sei que instrumentos tange e range,  
cordas e harpas, tímboles e tambores, dentro de mim.  
Só me conheço como sinfonia.  
(Fernando Pessoa)

Tanto no que narra a história quanto no que revelam os mitos, a estátua de Atena protegia a cidade com sua harmonia e beleza. Deusa da sabedoria, da justiça e da cultura lançava seu olhar no horizonte para cruzar desejos, façanhas e aventuras dos moradores de Atenas. Venerada por gerações, assegurava a continuidade de seu culto, enquanto era a promotora da identidade dos gregos com o saber. Sua luz atravessava gerações, conjugando sonhos, verdades e conhecimento. Envolvidos pela imaginação e pelos símbolos, os deuses entravam na vida das pessoas e reforçavam o cuidado com a cidade, através dos ritos, celebrações e festas. Assim, interagiam com vários contextos e influenciavam na cultura. No entanto, a estátua desaparecera e com ela a proteção entrou em eclipse. Como pensar o futuro longe de uma sombra protetora? Como ocupar um espaço sem a sombra da deusa? As representações, os ritos e os símbolos mantiveram acesa a chama sagrada da memória. Dessa forma, o futuro continuou aberto em busca do novo e da vitalidade do presente.

No cenário da religiosidade popular, vozes e imagens se misturam com vitalidade. É o que nos revelam as diversas formas de manifestação popular, particularmente as comemorações religiosas. Ir às fontes e vasculhar os fatos culturais, religiosos e históricos é uma forma de conhecer as origens deste país e um caminho para entendermos a extensão e a profundidade de nossa cultura<sup>2</sup>. A diversidade cultural brasileira tem suas raízes na miscigenação de europeus, indígenas e africanos. Uma conjugação de crenças, culturas, tradições e costumes formou nossas raízes e nossa matriz religiosa.

Por ser um dos locais privilegiados da questão das subjetividades culturais, a religiosidade apresenta a tensão entre universal e particular, sagrado e profano, público e

<sup>2</sup>A propósito, lembro os estudos de Thales de Azevedo, pioneiro nos estudos sobre as tradições religiosas brasileiras.

privado. Parafraseando Marc Augé, pode-se afirmar que “a religião é toda a cultura, mas não é a cultura”. (AUGÉ, 1997, p. 35). Existe um local específico do religioso? Partindo-se de uma definição de modernidade, caracterizada pela separação da esfera religiosa do Estado, a resposta é sim. O religioso ficou a cargo de uma escolha privada, o que conduziu à concretização da secularização da sociedade. No entanto, o que a sociedade brasileira nos apresenta atualmente, através de suas manifestações culturais é um entrelaçamento entre as duas esferas. Atrevo-me a afirmar que nos encontramos num lugar de fronteira, na tensão entre o oficial e não oficial, o passado e o presente. E nessa tensão, (re)produzimos uma cultura, muitas vezes emoldurada pelo religioso, pelo mistério, pelo encantamento.

A cultura popular traduz a experiência de vida do povo – sua vida, suas dores, seus medos e suas esperanças. Demonstra os interesses, preocupações e valores das camadas populares. Encontramo-nos num período histórico e no interior de uma cultura que se satisfaz com o enfacelamento, o individualismo e o consumismo. O homem religioso é uma consciência histórica aberta à transcendência e situada no tempo. Se esbarramos, especificamente, no cristianismo, podemos afirmar que o cristianismo é um fenômeno histórico e, como tal, está sujeito aos processos previsíveis e, sobretudo, imprevisíveis que formam a trama de toda e qualquer história.

Qual o significado da festa popular numa sociedade moderna e urbana? As novas condições socioculturais abrem múltiplas perspectivas para o comportamento individual e coletivo. Essas mudanças repercutem na religião, pois suas manifestações não são independentes das relações sociais<sup>3</sup>.

Quero abordar neste trabalho uma festa do Congado em Itaguara (MG). Essa festa aconteceu em 2009, num povoado rural chamado Aroeiras e teve a duração de três dias, com a participação de três grupos (“Termos”) de Congados.

Do ponto de vista teórico-metodológico, usei os procedimentos da história oral, com alguns depoimentos. Utilizei na pesquisa de campo conhecimentos sobre questões relativas à memória. Como sabemos, a memória é a base que sustenta e mantém a dinâmica da história. Sem a oralidade e a memória, muitos elementos da cultura popular e das tradições religiosas teriam desaparecido. A opção que fiz, ao estudar o Congado, foi definir, em primeiro lugar, o significado dessa expressão religiosa e, em seguida, abordar alguns aspectos históricos, culturais e religiosos. Não é muito fácil entender os textos, as palavras e expressões usadas nos cânticos, pois são extremamente fragmentados. Muitos aspectos merecem estudos mais específicos, o que não é o objetivo deste trabalho. As tradições religiosas populares não se exprimem somente em palavras, mas também em gestos e ações coletivas, nas representações rituais, nas andanças pelas casas, nas procissões, nas romarias. Muitas vezes, existe uma fronteira entre a linguagem verbal, aparentemente mais fácil de ser decodificada, e a linguagem simbólica. São vários os tipos e as formas das expressões religiosas populares que sacralizam lugares, épocas e pessoas, como também são múltiplas as formas de participação. O cenário religioso popular tem

<sup>3</sup>Ver o estudo de ITURRA (1991).

um papel importante na vida do povo, pois tem também a função de adaptação, socialização e ajuste à vida cotidiana. Os diversos momentos e espaços são compartilhados e vivenciados pelo grupo, tais como, a preparação da festa, a organização, as rezas e sua realização.

### ***O Congado – tradição e (re)invenção religiosa***

Em outubro de 2009, tive a oportunidade de assistir à manifestação do Congado de Aroeiras. As pessoas seguiam o cortejo – crianças, jovens, homens e mulheres. A ruptura da rotina alterava a fisionomia daquele espaço. Mulheres, homens, jovens e crianças dançavam, tocavam instrumentos de caixa, reco-reco, tampinhas de pandeiro. Um verdadeiro espetáculo coloria o povoado, com a chegada do frio e do vento naquela noite de junho. O primitivismo do conjunto e o eco das vozes agradaram-me sobremaneira, como também o espetáculo presidindo a ação. Alguns santos são reverenciados – São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. É a festa do povo com lembranças de uma longínqua aquisição da liberdade. Suas origens espelham os feitos do trabalho em porfias contra o cativo, os senhores e os mandatários da terra. Ao invés dos gritos de dor ou de ordens para o trabalho, cantos superpostos invadem a alma e viajam nas recordações do tempo, com acordes dolentes e apaixonados<sup>4</sup>. É a festa na rua. É a festa do povo. Valdivino, chefe do grupo, fez o seguinte depoimento:

Hoje estou no comando do Congado aqui em Itaguara. Recebi esta tarefa de meu pai, quando ainda estava vivo. Não posso deixar de cumprir esta missão. Minha responsabilidade é com a tradição que vem – manter a festa e homenagear a Senhora do Rosário, nossa protetora. Sem proteção ninguém vive.

Nesse depoimento, Valdivino conclui com a força da devoção – “Sem proteção ninguém vive”. (Os habitantes de Atenas também ficaram inseguros depois do desaparecimento da deusa!). Além da tradição e do costume, o pedido de proteção demonstra o acento de fé. O homem é motivado pela crença e isso se torna uma referência importante para sua vida. O historiador Michel de Certeau assinala que existe nas manifestações populares uma consciência de vida, mesmo sendo diversificada (Cf. CERTEAU, 1975, p. 55).

Grande parte das manifestações populares da cultura mineira está ligada à religiosidade do povo, com rituais e expressões próprios. Em Minas Gerais, as festas e manifestações tradicionais acontecem durante o ano, nas várias cidades do interior e na região metropolitana de Belo Horizonte. O Congado é uma celebração muito conhecida e festejada em Minas Gerais. Segundo Câmara Cascudo, eram “autos populares, de

<sup>4</sup>A propósito, lembro a descrição de Jean de Léry sobre uma manifestação religiosa dos índios tupinambás no interior do atual estado do Rio de Janeiro, como também o registro de dois cantos tupis (1967: 179-181).

motivação africana” (CASCUDO, 1980, p. 242) que prestavam homenagem a Nossa Senhora do Rosário e das Mercês, São Benedito, Santa Ifigênia. Uma expressão religiosa sincrética com rituais católicos e africanos “que comporta uma riqueza nas formas de fazer, atualizar e expressar o religioso, recriando-o e reinventando-o no tempo e no espaço” (PASSOS, 2013, p. 281). As diversas expressões e manifestações populares revelam uma cultura em movimento, pois mostram a possibilidade de “o homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo significados novos e, ainda, reavendo sua identidade, enquanto grupo”. (PASSOS, 2013, pp. 288-289). Há vários estudos históricos sobre o Congado em Minas Gerais. Entre outros, destaco as pesquisas de ANTONIL (1976), PPOEL (1981, 2013), GOMES; PEREIRA (1988, 1990), LUCAS (2002).

Os rituais do Congado desenvolveram-se no período do sistema escravista brasileiro e foi um meio pelo qual os negros usaram para reelaborar sua própria cultura e reinterpretar a imposição da religião católica. Quanto à herança africana, Câmara Cascudo afirma: “A força de seus mitos era religiosa, pedindo cerimonial, ritos, danças, comidas protocolares, indumentária” (CASCUDO, 1947, p. 59). A religião não era apenas um caminho para os escravos, era a ligação com a vida, a razão e a força de espírito na duração da existência.

Com seu movimento, a religiosidade popular modifica as estruturas da religião oficial. Segundo Michel de Certeau: “A história desempenha o papel de ser uma das maneiras de definir um novo presente. Permite que um presente se manifeste como diferente” (CERTEAU, 2011, p. 76). Os valores, as tradições e as expressões culturais africanas são vinculados ao ritual popular católico, juntamente com seus santos e se mesclam numa configuração nova, processual e sincrética. Neste sentido, Pierre Sanchis chama atenção para o aspecto processual do sincretismo que “não se reproduz simplesmente, mas se transmite transformando-se” (SANCHIS, 2012, p. 23) e remodelando-se incessantemente. A recepção possibilita leituras diferentes dos fatos, das celebrações e dos conteúdos religiosos, o que gera modificações, limites e revisões.

O Congado foi introduzido pelos africanos no período colonial. O catolicismo, as religiões indígenas e africanas com suas danças, cores e músicas se mesclaram. As religiões transplantadas no Brasil “tropicalizaram” verdades, credo e devoções, relacionando “colônia, culto e cultura”, segundo Alfredo Bosi, e fizeram uma bricolagem no tecido cultural, social e religioso. Essa adaptação e esse “sincretismo” já nos acenam para o fato de que nenhuma religião existe em estado puro (Cf. BOSI, 1999, pp. 11-63). Todas sofrem influências diversas. O mesmo ocorreu com o cristianismo, em suas origens e na Península Ibérica. Os velhos autos peninsulares, os romances históricos, as novelas cavalleirescas, tanto em Portugal como na Espanha espelhavam suas influências nas tradições populares, nas cantigas populares. Isso demonstra que a religião introduzida pelos portugueses tornou-se, desde os primórdios, um catolicismo híbrido, mesclado com as tradições e ritos indígenas e, ainda, com a cultura e as religiões trazidas pelos africanos. Na realidade, isso aconteceu com a cultura, a sociedade brasileira e as diversas tradições. Do ponto de vista musical, nossa tradição é rica no ritmo, na melodia e nas letras.

O olhar sobre as práticas religiosas revela múltiplas dimensões. O catolicismo brasileiro guarda basicamente três vertentes pastorais – a tradicional, a reformada e a renovada (Cf. AZZI, 1981). Elas se relacionam e guardam diferentes formas de recepção. Não se pode perder de vista seu processo de formação, marcado pelo vínculo entre colonização e cristianização. No entanto, não é aqui o lugar para discutir as implicações dessa afirmativa, porém ela nos dá elementos para a compreensão do popular dentro da religião oficial. Além disso, traz uma marca significativa do jeito de ser brasileiro. É uma fonte singular para a compreensão de nossa cultura, história e mentalidade. Nesse sentido, lembra o antropólogo Thales de Azevedo:

Alguns dos que deram mais ênfase à religião em suas relações com outros aspectos da nossa organização social foram, indubitavelmente, Gilberto Freire e Fernando de Azevedo. [...] Temas que merecem análise e tratamento científico, não como coisas pitorescas ou exóticas, não como aspectos depreciativos e ridículos da fé popular, ou como esquisitices com que o cientista social se poderá distrair, mas como fenômenos de psicologia coletiva que podem ajudar a compreender as concepções que o povo faz do sobrenatural e do divino e as aspirações e necessidades que procura satisfazer (AZEVEDO, 2002, p. 20-21).

O plano das crenças envolve uma série de pressupostos relacionados à religião, mas não diretamente codificados por ela. As expressões religiosas populares procuram universalizar experiências, valores e desejos. As preces populares propiciam a produção de uma realidade que rompe com o cotidiano e o transcende. Nesse sentido, uma depoente de 50 anos afirma: “A gente não pode deixar de agradecer os bens de Deus que os santos repartem pra nós. Eles são os mensageiros do bem”<sup>5</sup>. Como agradecimento, muitos gestos são expressos espontaneamente e são referências para a vida. A devoção aos santos do Congado perdura em muitas gerações. Há uma relação de familiaridade entre santos e fiéis, chegando a criar laços como entre amigos. Essa mesma senhora disse: “Nossa Senhora do Rosário foi madrinha de minha irmã mais velha. Promessa de minha mãe quando estava grávida”. Segundo ela, foi uma gravidez complicada e sua mãe havia perdido a criança na primeira gravidez. O nascimento de sua irmã foi também uma graça de Nossa Senhora do Rosário. A graça não é apenas recebida, mas também retribuída pela difusão da devoção e da força da santa. Assim, os fiéis têm um papel importante na construção da devoção, de modo que há uma relação funcional entre o devoto e a santa. Esse alinhamento é muito significativo no catolicismo popular, pois se trata de uma reprodução devocional, parafraseando Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron.

---

<sup>5</sup> Esse depoimento foi dado por uma “congadeira” que dança desde os 12 anos de idade. Sua intenção é fazer com que seus netos continuem com essa devoção, pois sua filha trabalha em Belo Horizonte e ela cuida dos meninos, durante a semana.

### ***A sociabilidade do religioso***

O coração preserva lembranças. Re-corda ação/ações. (*Cor, cordis* – coração). Re-cordação/ Recordação é a volta que o coração dá no tempo. O tempo de outras festas. Festas passadas, as pessoas queridas e amadas, as brincadeiras de criança. Tudo volta. Tudo anima a festa do Congado. Está no coração! E mais, pois “Vem coberta pelo manto e proteção da Senhora do Rosário, nossa mãe grande. Coração grande”, como **re**cordou uma moça de 19 anos. Além disso, é também um momento para rapazes e moças de fora se conhecerem e, quem sabe, iniciar um relacionamento que pode gerar um casamento. A festa do Congado, portanto, faz fluir lembranças e vibrar as cordas do coração – amigos se encontram, parentes contam histórias e se abraçam. Na hora do almoço, estão juntos, pois todos os congadeiros almoçam na mesma casa. As cozinheiras narram com alegria o tempo de preparação da comida e as coisas que ganharam. Muitas pessoas fazem promessas e doam alimentos para o almoço dos Termos do Congado na casa do festeiro. Junto à expressão religiosa existe uma expressão que consolida os laços afetivos e a sociabilidade das pessoas, pois a “festa é uma forma lúdica de sociação e um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva” (PEREZ, 2002, p. 17).

A festa do Congado deve ser analisada não apenas na perspectiva sincrônica, pois seu presente está condicionado, em grande parte pelo seu passado. Importante também são as mudanças que foram/vão acontecendo, mesmo que não atinjam de imediato seu conjunto. O que significou, por exemplo, as proibições das autoridades religiosas para sua realização? Como isso afetou a consciência popular? (Sua tradição, sua emoção e suas devoções?). São questões não resolvidas, mas guardadas em silêncio, no coração!

O conjunto de manifestações externas do Congado juntamente com o aspecto devocional dos participantes lhe confere um aspecto religioso. As músicas, a reza do terço, as danças e os gestos expressam o louvor de todo o grupo. O significado religioso é estar presente em um dos dias e cumprir o ritual. Em Aroeiras, os Termos vão até a casa do festeiro buscar as imagens que são levadas em procissão para um altar próximo à capela. Duas pessoas montam guarda, ao lado dos andores, onde há várias coroas que as pessoas colocam na cabeça e dão um giro, atrás de um dos Termos, em volta da capela. São promessas que devem ser cumpridas por uma graça alcançada. O relato de um participante, Sr. Arlindo, esclarece:

Tinha uma dor muito forte na coluna. Nem podia andar. Fui a vários médicos e cheguei a marcar uma operação para colocar platina. Sei que é muito perigoso, pois eu corria o risco de ficar paraplético. Nem sabia o que fazer. Então, fiz uma promessa de dar café para todos os Termos, no primeiro dia do Congado, e rezar um terço com minha

mulher e meus filhos com a coroa na cabeça todos os dias da festa, durante três anos seguidos. Estou aqui com saúde para agradecer. Quero participar de tudo, pois Nossa Senhora do Rosário é poderosa e forte. Ela me salvou.

A fé demarca a esperança do Sr. Arlindo, nesse relato. A relação entre saúde, vida e graça é forte na devoção popular. A existência humana tem sua guarda na religião, daí a necessidade de pedir, invocar e rezar. Mais ainda, a família deve estar unida nos diversos momentos, particularmente nas horas difíceis. Dor, alegria, esperança, problemas, anseios vão compondo o cenário do dia a dia. Tais elementos orientam os diversos trajetos e as aspirações humanas. Impulsionado(a) pelo mistério da vida, o homem/a mulher do povo busca sua força na esperança de que “Deus sabe o que faz” e “Deus vai ajudar”. Há várias categorias de troca nessa relação com o sagrado, sendo mais evidentes as promessas, as esmolas e uma lembrança de festa – uma imagem, um brinco, um cinto, um rosário.

O encantamento é uma prática coletiva que funde o mundo natural com o sobrenatural, o histórico e o mítico. Alegorias, metáforas, cores, símbolos e representações fazem a festa do Congado. O mundo físico e o metafísico se unem numa mesma litania de preces. Todos cantam homenageando a Virgem Maria: “Lá do céu envém [sic] descendo uma coroa / É a coroa da Virgem da Glória”. Depois desses versos, todos cantam, inclusive as pessoas que assistem à festa: “Vamos receber ela com jeito, meu irmão, / É a coroa de Nossa Senhora”. Com a força ritual dos cânticos, a cerimônia religiosa se integra num conjunto de vozes, corpos e compassos. Segundo Glaura Lucas: “Os rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário se cumprem pela música, cuja força emana dos sons dos instrumentos sagrados, dinamizando os textos cantados e os gestos do corpo, num ato único de oração”. (LUCAS, 2002, p. 235).

Na evolução histórica do Brasil, o Congado sofreu um processo de inculturação que o modificou, consequência do fenômeno da transplantação, tendo como resultado expressões e tratamentos novos, com relação aos componentes religiosos e culturais originários, como afirma Pierre Sanchis:

A cultura fragmenta-se: 'diversificação' e descoberta do implícito diálogo intracultural passam a integrar sistematicamente qualquer processo de análise. [...] A cultural, mais do que acervos de traços, sistema cognoscitivo, visão do mundo, etos, é um processo intercomunicacional: criação e desaparecimento, estruturação e desestruturação, compartilhamento ativo ou abandono de visão de mundo etc. Também, e como uma cultura, uma identidade social não “é”, mas faz-se e desfaz-se constantemente (SANCHIS, 1996, PP. 32-33).

As expressões populares têm suas raízes em outros tempos históricos, mas devem ser entendidas em termos atuais, não como simples resíduos ou sobrevivências. As mudanças sociais, as diversas formas de diálogo e práticas entre diferentes grupos, no tempo e no espaço, são fatores que explicam os acréscimos em seu percurso. Portanto, não se pode entender o Congado como uma totalidade homogênea ou apenas como uma expressão pretérita. Ao migrarem, as tradições e expressões culturais e religiosas, em suas diversas formas, mudam seu entorno, transformam-se e são transformadas.

A dança dos Termos do Congado, os mastros e os cânticos mudam o ritmo do povoado. Relembra tradições – a religião dos negros que foram tirados de suas terras para outro mundo. Isso é outra história, mas a sombra do passado paira na memória e deixa vestígios, marcas. Essa manifestação religiosa é uma expressão de vida dessa camada social que ano após ano foi tomando consciência de ser um grupo: por isso a importância dos rituais, da forma de organização e da celebração. Aí está sua finalidade social – a participação coletiva como um momento de experiência étnica, socializante e de identificação. As crenças, os valores coletivos e a tradição modelam as ações e apontam formas e modos de estar no mundo. Como afirma o Sr. Arlindo: “A festa do Congado dá força pra gente. Volto feliz, encontrei amigos e parentes e, mais ainda, recebi da Senhora do Rosário a bênção e a proteção”. Essa fala expressa sentimento e vínculo afetivo. Há coisas que não têm preço, pois são marcas de sensibilidade e manifestam carinho, doação e dádiva. Demonstram grandes utopias que dão sentido à vida, como indica o clássico texto de Marcel Mauss – *Ensaio sobre a dádiva*. O que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos. (MAUSS, 2003, pp. 190-191).

Hoje, mais do que em outros períodos, indivíduos e grupos ensaiam novos modos de agir e de se posicionar. Há uma imbricação de culturas, de interesses e de motivos. Com isso, o social e o sagrado se integram num mesmo universo, mas não linearmente, pois se trata da construção de símbolos, o que implica uma relação mais complexa.

Todas as religiões recebem influências sociais e culturais. Projetos e aspirações vão compondo seu cenário. A consciência humana molda modos de pensar e de representar. Valdivino faz um comentário com base em sua experiência de vida: “O mundo está perdendo o temor a Deus; antes a religião mexia mais com as pessoas”. Essa pequena afirmação traz um questionamento sobre o significado da religião no mundo atual. O que significa o estado atual da religião para as camadas populares? Mais do que em outros períodos, os aspectos utilitaristas têm dominado o campo religioso: quais as consequências disso para a religiosidade popular? Seria uma forma nova de desconsiderar as tradições religiosas do povo? As tradições populares encontraram e encontram diversas formas de fronteira – a geográfica, a religiosa, a cultural, a étnica. Assim, nem sempre o encontro entre uma religião oficial e a popular foi num nível de harmonia e entendimento. Os desencontros e fronteiras marcaram/marcam essa história. “Temporalidades que aparentemente se combinam, mas que de fato se desencontram”, de

acordo com José de Souza Martins (MARTINS, 1977, p. 15). Deslocado de diversas expressões culturais, o catolicismo, por exemplo, é sufocado por muitos ritualismos importados e pelo próprio poder. Com isso, não consegue assimilar a diversidade, nem reconhecer o diferente e o lúdico. Fica preso nas redes das normas, regras e rubricas tradicionais.

A religiosidade popular expressa uma trama ordenada de símbolos, o que faz com que sua prática seja real e possa, ainda, dinamizar a vida de muitos grupos. A invocação dos santos e a persistência de muitas representações religiosas têm uma referência simbólica. Segundo o historiador Eduardo Hoornaert:

O simbolismo religioso é fonte válida para pesquisa da vida do povo, pois sua linguagem é sincera, embora difícil de ser interpretada. A religião diz respeito a experiências humanas concretas. E mais, constitui uma história simbólica de grande valor. [...] As imagens de Nossa Senhora das Dores, da Conceição, do Rosário refletem a vida nos engenhos (HOORNAERT, 1978, p. 13).

Pensar o ser humano é pensar uma comunhão de projetos, aventuras, conflitos e buscas. O período histórico que vivemos é uma época em que a realidade humana, sempre móvel, se acelera mais com as transformações urbanas e tecnológicas. A nossa época tem mostrado como isso tem influenciado as religiões, suas tradições e formas de expressão, particularmente a religiosidade popular. “As crenças, os ritos passam a ser interpretados por meio do que um analista chama de ‘chave antropológica’, o que nos faz lembrar aquela religião ‘analógica’ de que falam comentadores de Weber” (SANCHIS, 2005 p. 27).

A crença popular permite visualizar um mundo e um tempo que ultrapassam a relação entre o homem e o sagrado. Seu caráter leigo, familiar e social, expressa uma religiosidade espontânea, festiva e carregada de emoções (Cf. AZZI, 1978, pp. 106-109). As celebrações são expressão de alegria e de vida. Prevelem os sentidos, o sentimento, o desejo, a expressão dos corpos. Evocam ao invés de impor, simbolizam ao invés de sinalizar. Não se baseiam, *a priori*, em conhecimentos. Predomina o motivo comunitário, a participação de todos, o que reforça o espírito comunitário e social. É importante registrar, ainda, que a religião tem um percurso histórico significativo no Brasil. No período que antecede o Congado e durante as comemorações ocorrem também divergências e conflitos entre os participantes. Há situações litigiosas que perduram e quebram a harmonia. O problema agrava-se quando se toca, por exemplo, em uma desavença do passado que não poderia ter sido manifestada. Outra questão está na competição entre os organizadores da festa de cada ano. Se as pessoas fazem comparação entre um ano e outro há ciúmes, silêncios e desconfianças. Nessa situação, a figura do chefe é importante para controlar/contornar a situação. Com criatividade, resistência e

sincretismo, “o povo foi criando zonas e valores ligados à alegria, ao futuro, à esperança para fazer o Brasil, Brasil”, segundo Roberto DAMATTA (1986).

Como forma de evitar conflitos com a Igreja, em Aroeiras o coordenador acatou a determinação a autoridade religiosa de não vender bebida alcoólica nas barraquinhas. No entanto, deixou transparecer que, antes de iniciar a procissão como também no final da noite, todos tomam uma cachaça. “Se não der uma bebida para os companheiros, a festa fracassa. Ninguém exagera, não tem briga, nem falta de respeito. Desde o tempo de meu pai, tinha este costume”. Observa-se que a determinação da autoridade religiosa foi acatada: no entanto, a liberação da bebida foi apenas no ambiente privado, onde estavam somente os congadeiros. Ele agiu de acordo com a norma estabelecida sem provocar conflito.

No último dia, os Termos se reúnem em procissão e seguem até a igreja. As imagens compõem o cortejo. Num clima de alegria e devoção, os participantes revivem a memória/o mistério da fé. É a hora do encerramento. Reis e rainhas ocupam o espaço, alternam os passos e os olhares. Crianças em trajes de príncipes e princesas fazem o tempo voltar num sobe e desce nas charretes e nos cavalos enfeitados. Ainda perdura o imaginário monárquico! O que é o mundo real fora das imagens e representações que os homens e as diferentes culturas constroem? Este aspecto majestoso chama atenção, particularmente dos visitantes. A imaginação humana permite a evasão para longe de suas preocupações cotidianas. A tradição cartesiana primou pela hegemonia das ideias claras e distintas, para que aquelas oriundas da ficção e da imaginação ficassem na sombra. No entanto, a realidade continuou povoada de crenças, imagens e fantasias. Os infundáveis sinais verdes da utopia continuaram a inscrever seus projetos, pois “tudo que é sólido desmancha no ar”. A consciência humana molda modos de pensar e de representar. O poeta Manoel de Barros lembra: “A expressão reta não sonha” (BARROS, 2006, p. 75).

### ***Considerações finais***

Instigante, na conclusão deste texto, dialogar com os versos de Carlos Drummond de Andrade: “Não nos afastemos, vamos de mãos dadas”. O passado e sua memória ganham força de expressão e integram as pessoas para que a experiência religiosa aumente os laços com os santos e congreguem, assim, os devotos. As pessoas e os grupos encontram-se para romper a fronteira da solidão e do pouco que é a clausura do “eu”. O homem contemporâneo carece da proteção do sagrado como os gregos da proteção da deusa Atena, no passado. A mediação do sagrado pode romper fronteiras no horizonte da convivência, reforçar o cuidado com a vida, através dos ritos, celebrações e festas. Um grande desafio atual é preservar costumes, culturas e tradições, sem interferir em sua história e em seu significado, e, ao mesmo tempo, saber dialogar com seus valores e com sua história.

Ainda hoje as religiões não sabem, em sua maioria, dialogar com a religiosidade popular. As divergências têm significado e esperam, também, respostas. Como, por exemplo, programar projetos de política social, comunicação e formação religiosa, tendo

em vista que as aspirações das religiões oficiais têm um direcionamento diverso das aspirações populares e de suas expressões? Seria possível um novo encaminhamento, numa perspectiva de futuro? A festa do Congado compactuou com o mistério, com o sagrado, numa “orquestra dentro de cada um”, como ilustra a epígrafe que abre este estudo. Caminho para uma construção coletiva, capaz de unir e dinamizar os grupos, as comunidades e as famílias. Convite para multiplicar e aprofundar relações e, ainda, encontrar traços (“cordas, harpas, tímboles e tambores”) para desenhar novas utopias que acolham o presente.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo brasileiro: um campo para a pesquisa social*. Salvador: EDUBA, 2002.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- AUGÉ, Marc. *Para uma antropologia dos mundos contemporâneos*. São Paulo: Bertrand, 1997.
- BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- CASCUDO, Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- CERTEAU, Michel. *Cultura popular e religiosidade popular*. *Cadernos do CEAS*, 1975.
- CERTEAU, Michel. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Juiz de Fora: Ministério da Cultura; EDUFJF, 1988.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Arturos: olhos do rosário*. Belo Horizonte: Mazza, 1990.
- HOORNAERT, Eduardo. *A formação do catolicismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ITURRA, Raul. *A religião como teoria da reprodução social*. Lisboa: Escher, 1991.
- MARTINS, José de. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- LUCAS, Glauro. *Os sons do Rosário: o Congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PASSOS, Mauro. Não abandone o homem aqueles que Deus chamou – Encomendações de almas na religiosidade popular em Minas Gerais. In: PASSOS, Mauro; NASCIMENTO, Mara Regina (Org.). *A invenção das devoções – crenças e formas de expressão religiosa*. Belo Horizonte: O Lutador, 2013a, pp.269-294.

- PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- POEL, Francisco van der (Frei Chico). *O rosário dos homens pretos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.
- POEL, Francisco van der (Frei Chico). *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.
- SANCHIS, Pierre. A crise dos paradigmas em antropologia. DAIRELL Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- SANCHIS, Pierre. Problemas na análise do campo religioso contemporâneo. In: MARIN, Jéri Roberto (Org.). *Religiões, religiosidades e diferenças culturais*. Campo Grande, UCDB, 2005.
- SANCHIS, Pierre. O “som Brasil”: uma tessitura sincrética? In: MASSINI, Marina (Org.). *Psicologia, cultura e história: perspectivas em diálogo*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012, pp. 15-54.

## ENTREVISTA

Depoimento oral concedido ao Professor Mauro Passos em Aroeiras, aos 9 de outubro de 2009, por um grupo de congadeiros.